

Casa do Índio continua abandonada

Incrustada entre áreas cheias de entulhos, com capim alto e ao lado de horta que usa adubo orgânico, a Casa do Índio, na 914 Norte, dificilmente se livrará dos insetos e daquele aspecto de abandono. Depois que a inspeção do Instituto de Saúde e a Sucam vistoriaram as suas instalações, pouco pôde ser feito além da remoção do lixo acumulado durante meses. A greve da Funai e a falta de recursos, segundo o administrador da Casa, Iberê Sassi, são os principais entraves para o cumprimento dos 19 itens da intimação apresentada pelos inspetores.

É quase impossível deixar de imaginar que se caminha para um lixão, quando se vai à Casa do Índio em Brasília. Por não dispor de área própria, a Funai aluga o imóvel da Associação dos Ex-combatentes, e em consequência submete o índio que chega à cidade em busca de serviços de saúde e sobrevivência a situações precárias e inadequadas.

"Retiramos a sujeira que havia dentro do lote e isso foi possível

porque dobramos o número de funcionários de dois para quatro. E ainda conseguimos uns poucos recursos para comprar lençóis e alguns cobertores", afirmou Iberê Sassi.

Entre as providências exigidas à Funai, a Fiscalização da Saúde ressaltou a necessidade de colocação de telas milimétricas nas janelas e portas do prédio da administração e alojamentos dos índios, para evitar os insetos e a consequente transmissão de doenças. Pediu também a impermeabilização dos colchões, distribuição de lençóis e toalhas de banho aos índios, alojamento exclusivo para doentes e a ampliação das instalações físicas para atender com as mínimas condições de saúde o grande número de indígenas que chega.

A desinfecção física ou química das roupas de cama e banho também foi recomendada, além de carteira de saúde para as pessoas que tratam diretamente com o índio e uniformes para os manipuladores de alimentos. Nada disso ainda foi possível. O prazo



O índio que chega à cidade é mantido em condições precárias

dado pelos técnicos da Saúde vence no próximo dia 17. "Até lá, seguramente, teremos atendido todos os itens, com exceção daqueles que dependem de obras

físicas, porque a área não é da Funai e entendemos que gastos com ampliações aqui significam dinheiro público jogado fora", acentuou Iberê Sassi.